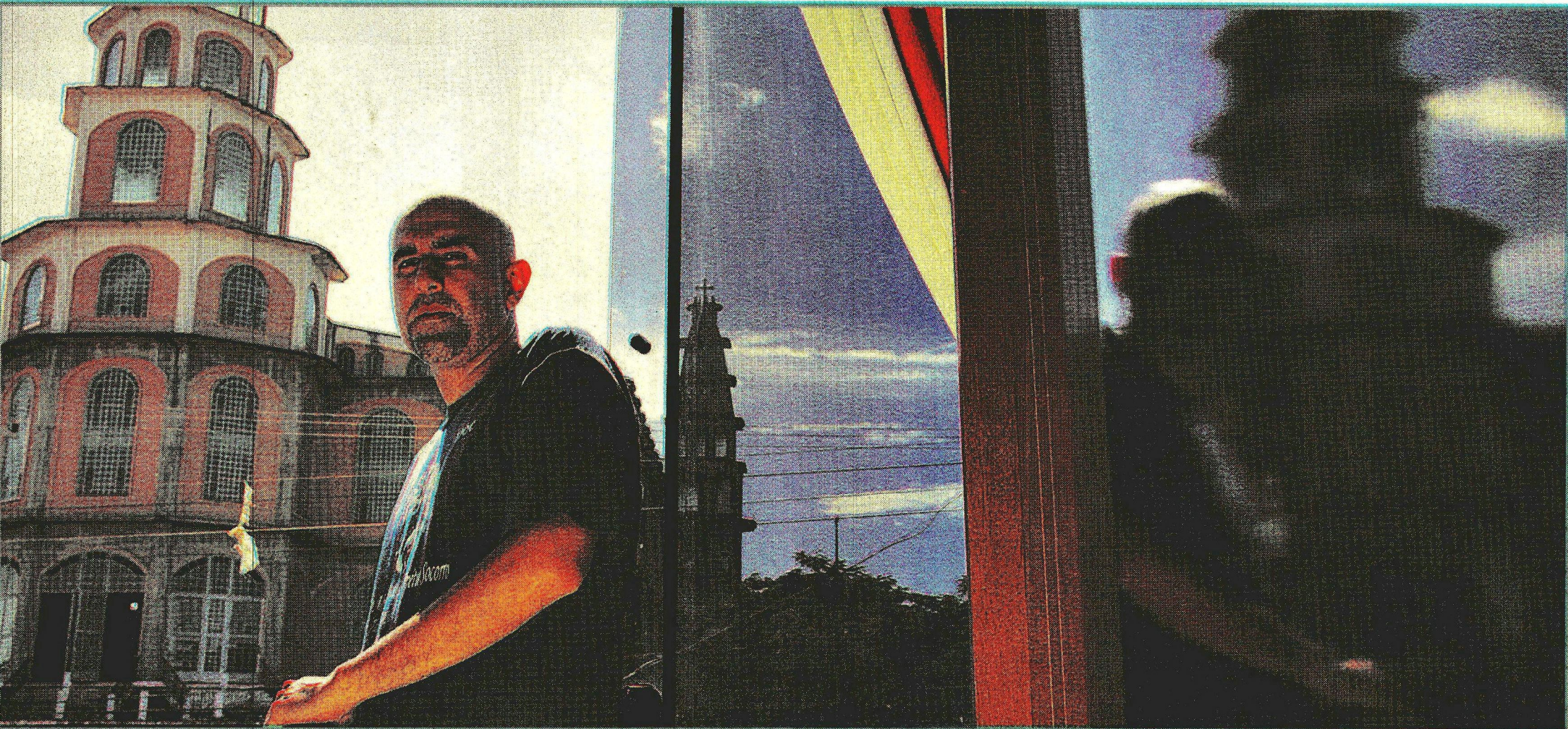


Inspiração divina

Juntos há nove meses, Elon e Cícera mudaram de apartamento, no mesmo prédio, para ter mais espaço e uma visão sentimental para eles: o Santuário Menino Jesus de Praga, onde se casaram

Fotos: Carlos Silva/CB/D.A Press



ISAÍAS MONTEIRO

Nutrido com doações, o segundo maior templo religioso da América Latina começou a ser construído há 11 anos em Brazlândia, cidade do Distrito Federal mais distante do Plano Piloto. Com capacidade para 15 mil fiéis — 9 mil de pé e outros 6 mil sentados —, o Santuário Menino Jesus de Praga está intimamente ligado à história de um casal que avista diariamente a paróquia, comandada pelo padre João Perius.

Pela abertura na parede do quarto, em um apartamento no segundo piso de um edifício em frente ao templo, o engenheiro eletricitista Elon Rufino, 32 anos, e a vendedora Cícera Lopes, 30, podem acompanhar o movimento do santuário, frequentado por eles. Ali se casaram, em um sábado pela manhã, há nove meses. Antes de pôr a união no papel, o casal namorou por um ano e sete meses. Alianças trocadas, aninharam-se no prédio em que vivem hoje.

Até o fim de março, no entanto, o casal vivia num apartamento no mesmo andar do edifício, do lado oposto ao templo: a paisagem, contam, foi o maior

"Brazlândia ainda não é poluída como as outras cidades. Há qualidade de vida, apesar da falta de condições em alguns assentamentos"

motivo para o deslocamento. "Era bom, mas vivíamos em uma caixa", resume Elon. Com a abertura dada pelas janelas do quarto e da cozinha, o imóvel aproveita mais da iluminação e ventilação natural, segundo ele. "Brazlândia ainda não é poluída como as outras cidades. Há qualidade de vida, apesar da falta de condições em alguns assentamentos", explica. "Daqui, podemos ver o movimento da rua, observar o que se passa", aponta.

Antes do casamento, Elon trabalhou no templo, como guia turístico, entre 2008 e 2009. "O santuário existe desde 1973. Começou como uma cabana de palha, parecida com as de festas de São João. Depois, mudou para uma obra de madeira. Por último, foi feito uma alvenaria, grande", narra. A terceira roupagem foi derrubada para a construção do atual templo, iniciado em 2000. "É a quarta encarnação do santuário", analisa Elon. Ainda hoje, junto da mulher, frequenta missas no local, sempre que possível.

Bolsista do Serviço de Apoio às Pequenas e Médias Empresas (Sebrae-DF), o eletricitista observa empresas se instalando em

Brazlândia, interessadas no potencial de consumo da população de cidades do Entorno próximas, como Águas Lindas e Padre Bernardo. "Estão vindo também por causa da logística", complementa.

Devido também à carga de tributos vigente no DF, empresários da região compram itens que vão de pão a materiais de construção em cidades de Goiás, com Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) mais baixo. Apesar do desenvolvimento, para o morador, faltam à cidade opções de lazer, como cinema, observa Elon.

Com cerca de 2 mil metros quadrados à disposição, a administração do templo quer diversificar a

obra, de acordo com o paróquia-no Jaime Francisco de Moura. Formado em história, o comerciante de 50 anos acompanha o trajeto do santuário desde a retomada, na virada do século. Concluído o centro, os próximos planos incluem expansões como heliporto, auditório e salas para catequese.

As obras são movidas a doações. Cerca de 80% delas partilham da comunidade católica local e internacional. O restante veio da ajuda de empresários, sobretudo com materiais de construção, como vidros e vigas de ferro. "Podemos dizer que a população de Brazlândia construiu", diz Jaime.

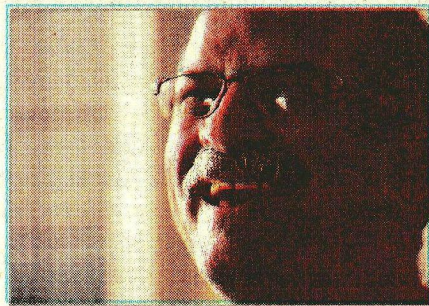
JANELA DO GAMA

Morador de apartamento com uma das melhores vistas para o estádio Bezerrão, o angolano Antônio Freitas, de 62 anos, não dá muita bola para futebol. Só acompanha o esporte durante a Copa do Mundo, quando reparte a torcida entre o país de origem, Brasil e Portugal — mesmo na disputa entre as duas últimas, na reinauguração do local, em 2008, não o cativou.

Da janela de casa, o professor, prestes a se aposentar, observa o andamento das obras da Vila Olímpica ao redor da arena, casa do tradicional time do Gama e que pode se tornar centro de treinamento para o Mundial de 2014.

Devido ao sotaque carregado, Antônio recebeu o apelido de Portuga ao chegar ao Gama. Antes da mudança, há seis anos, passou três décadas em Uberlândia (MG). E antes ainda, dos 20 aos 23 anos, viveu em grupos de guerrilha pela libertação de Angola. A guerra pela independência do país durou de 1961 a 1974, centrada no conflito entre tropas portuguesas contra a resistência da colônia.

Testemunha da morte de colegas, Antônio desembarcou no Rio de Janeiro em 5 de



outubro de 1975, após passar dez dias a pão e água no aeroporto de Angola. No país de origem, ele deixou um casal de filhos. E em Portugal se instalaram três irmãos e os pais.

Após viajar por 25

países, diz: "O Brasil é o melhor de todos pelos quais já passei." Atualmente, mora num apartamento do terceiro pavimento de edifício em frente ao Bezerrão.

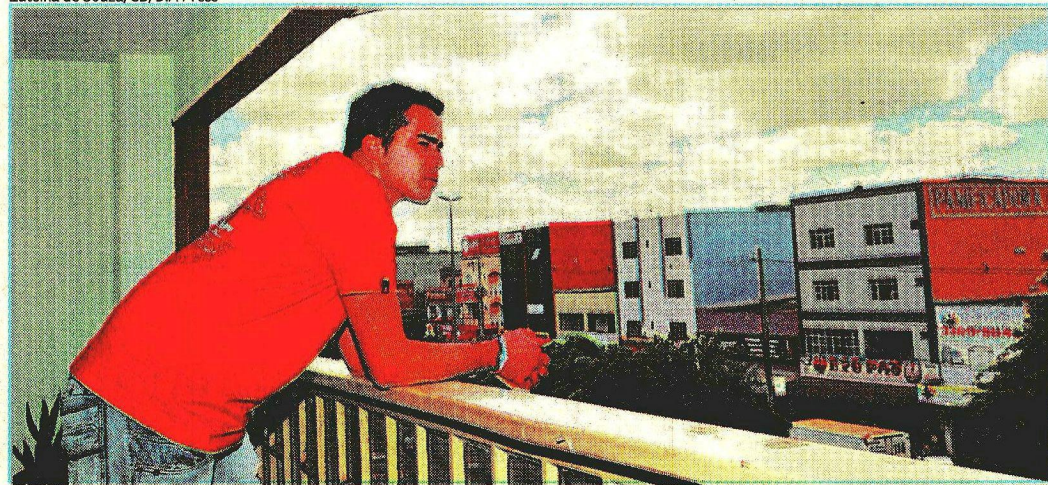
Se não voltar para Uberlândia, como planeja, Portuga poderá ter como vizinhos seleções internacionais, na Copa de 2014. O estádio, segundo a diretora-administrativa do local, Meire de Souza, está preparado. "Devem ser poucas modificações, porque o estádio já foi feito com os padrões exigidos", adianta.

JANELA DA VILA PARANOÁ

Na varanda do hotel-restaurante Tradição Mineira na avenida principal do Paranoá, Lucas Marcial de Paula às vezes para na janela para pensar na vida. O horizonte é bastante urbano, pois a via do estabelecimento está no principal ambiente de comércio da cidade. Comércio, aliás, famoso por ser diversificado e extenso. Por conta disso, há um constante ir e vir de carros de som fazendo propaganda das lojas e sobretudo muita gente, a pé ou de bicicleta. Do sobrado, André consegue também enxergar parte da área residencial do Paranoá e alguns pinheiros do parque que margeia a entrada da cidade.

Uma das mais antigas cidades do Distrito Federal, a Vila Paranoá nasceu do acampamento dos primeiros trabalhadores que vieram construir a barragem que formou o lago. Mesmo depois da inauguração de Brasília, os candangos

Zuleika de Souza/CB/D.A Press



permaneceram no local, para a conclusão das obras. Naquela época, o acampamento de operários já abrigava cerca de 3 mil moradores, em 800 barracos assentados na ombreira norte da barragem. Hoje a cidade tem 63 mil habitantes, número que aumenta a cada ano por conta da expansão imobiliária das redondezas.

Lucas de Paula mora em Planaltina com os pais e acorda às 5h todos os dias para trabalhar no Paranoá. "É muito boa essa cidade. Tudo que você quer encontra aqui. Eu tenho muita vontade de morar aqui", diz o rapaz de 20 anos. Lucas é gerente comercial do hotel e restaurante da tia, Mariete Inês de Paula. Natural da interiorana Manhauçu (MG), ele saiu das terras da família e veio para Brasília com os pais aos 14 anos e trabalha há três com a tia. "Eu quero é a civilização. Gosto de Brasília", comenta com convicção o calmo rapaz. De vez em quando, ele sobe dois lances de escada para pensar na vida e observar o intenso movimento da avenida Paranoá. Então, confere: "Não volto pra roça mais não."